

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações	
Anuncios, cada linha, typo commum	20 réis
Comunicados	80 "
Reclamos	100 "
Artigos	200 "

LISBOA

Quinta feira 14 de novembro de 1895

Assignaturas	
Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros....	600 "
Numero avulso	50 "
Paizes da união postal, 24 numeros..	15000 "

RESUMO

Concurso de tiro. — Associação dos Atiradores Civis Portuguezes. — Retratos. — Concursos de tiro civil. — Regulamento para a instrução do tiro, pelo General Zurlinden. — Experiencias de tiro. — Legislação sobre pesca. — As vioras e os cães do caça, por *Bojista de Sá*. — Caçada aos gamos. — O tigre, por *P. M.* — Programmas de gymnastica, por *Pedro José Ferreira*. — Um stavolazzo no Piemonte em 1826; uma caçada aos gallos do matto.

CONCURSO DE TIRO

10 de novembro de 1895

REALISOU-SE no domingo 10 do corrente, como tinha sido annunciado, o concurso de tiro que a Associação dos Atiradores Civis Portuguezes promoveu para commemorar o segundo anniversario da sua fundação.

Não podia ser mais brilhante nem deixar melhores recordações aquella festa verdadeiramente entusiasta, sinceramente patriótica, e felicitando a Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, a redacção do *Tiro Civil* sente-se animada a continuar a propaganda em favor d'uma instituição que prestará ao paiz inteiro e ao bom nome portuguez serviços relevantissimos.

Era proxivamente 1 hora da tarde quando rompeu o fogo dos atiradores que se haviam inscripto no 1.º grupo. Foram 40 os socios que n'este certamen disputaram os premios e entre elles foram classificados com o 1.º premio o sr. Manuel Cosme Gomes, com o 2.º o sr. João Consiglieri Pedroso, com o 3.º o sr. J. Fraga Pery de Linde e com o 4.º o sr. Frederico Emilio Vencent.

Seguiu-se o 2.º grupo em que fizeram fogo 92 atiradores, sendo classificados com o 1.º premio o sr. capitão de infantaria Luiz Fausto de Castro Guedes, com o 2.º o sr. João Consiglieri Pedroso, com o 3.º o sr. José Mendes Gouvêa, com o 4.º o sr. Agostinho Manuel de Souza, e com o 5.º o sr. Roberto Rogenmozer.

De todos os atiradores premiados apenas os srs. Castro Guedes e Rogenmozer não são socios da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, por não lh'o permitirem os estatutos, pelo facto de ser militar o 1.º e estrangeiro o 2.º

S. M. a Rainha Regente, feita a classificação pelo jury entregou aos premiados presentes os premios que lhe haviam sido conferidos.

As medalhas e diplomas a que adquiriram direito os socios que acertaram com mais de 5 balas, serão distribuidos no domingo 24 do corrente em sessão solemne da Associação.

O sr. João Consiglieri Pedroso receberá n'esta occasião a medalha de ver-

meil por ter sido o atirador que nos dois grupos acertou com maior numero de balas.

Os socios que devem receber diplomas são os srs.: Prospero Meyrelles, Theodosio Baganha, Eduardo David Silva, Agostinho Manuel de Souza, Joaquim de Souza Padesca, Manuel José de Magalhães, Bernardo Rebello dos Santos e José Mendes Gouvêa.

Ao concurso assistiram S. M. a Rainha Regente, e os srs: ministro da guerra, ministro dos estrangeiros, general comandante da 1.ª divisão militar; almirante Sampaio; coroneis: Manuel d'Azevedo Coutinho, de infantaria 1; Costa Monteiro, de infantaria 7; Baracho, de cavalleria 2; majores: Soares, de infantaria 7; Figueiredo, de infantaria 16. Além d'estes muitos outros officiaes de quasi todos os corpos da guarnição da capital; toda a direcção da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes e cerca de 100 socios.

Fizeram-se representar:

Commissão Central 1.º de Dezembro

General de divisão Miguel Baptista Maciel, presidente; Jeronymo da Piedade Rollo, secretario.

Associação dos Atiradores Civis Estrella

Dr. Antonio Manoel da Cunha Belem, presidente da assembléa geral; Eduardo Noronha, presidente da direcção.

Associação dos Atiradores Civis Portuenses

Anselmo de Souza.

Gremio de Santarem

José Francisco Canha.

Club Instructivo de Caçadores de Vianna do Castello

Palermo de Faria.

Real Casa Pia de Lisboa

Conselheiro Francisco Simões Margiochi, provedor; Cesar da Cunha Bellem, instructor.

Um pelotão, banda e terno de cornetas do batalhão de alumnos.

Grupo Patria

Antonio Marcellino de Sousa, presidente; Joaquim Fernandes de Freitas, João Pedro Fernandes, Guilherme Silva, Heitor Ferreira.

Grupo Suisso

Roberto Rogenmozer, Emilio Kesseling, Alexandre Leuzinger, Paulo Rohner.

A Sociedade Concentração Musical, annuando ao pedido da direcção da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, concorreu com a sua magnifica banda a abrilhantar esta festa tão genuinamente nacional, tocando bellos trechos de musica durante o concurso.

Foi extraordinaria a concorrência á *Carreira de tiro*, na occasião do concurso.

O pára-balas estava ornamentado com trophéos de bandeiras e ao centro da *marquise* elevava-se um estrado, com o respectivo docel, onde S. M. a Rainha assistiu ao concurso e onde se fez a distribuição dos premios.

A guarda de honra foi feita por uma força de lanceiros a cavallo e a respectiva charanga e uma força de infantaria n.º 1.

Agradeceram os convites que lhe haviam sido feitos os srs.:

Ministros do reino, marinha e obras publicas.

Governador Civil do districto de Lisboa.

Director e officialidade do Real Collegio Militar.

Director e officialidade da escola pratica de infantaria de Mafra.

General de brigada Francisco Hygino Craveiro Lopes.

Officialidade do regimento de infantaria n.º 16.

Gremio Recreativo Estrella.

Carlos Duarte Luz.

Club dos Caçadores do Porto.

Direcção do Real Gymnasia Club.

João Anastacio Gomes.

Na segunda feira á 1 1/2 da tarde S. M. a Rainha Regente recebeu os srs. José Martinho da Silva Guimarães, presidente da assembléa geral, e Palermo de Faria, presidente da Direcção da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, que foram agradecer a S. M. a honra da sua presença no concurso de tiro.

Foram recebidos com extrema affabilidade, mostrando-se S. M. muito satisfeita pelo resultado do concurso e declarando que muito a interessavam os progressos do tiro civil.

Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

A Direcção previne os ex.ºs socios de que a sessão solemne, que devia realisar-se no dia 17, fica transferida para domingo 24 do corrente ás 8 1/2 da noite.

RETRATOS

No proximo numero começaremos a publicação dos retratos dos atiradores premiados no concurso de 10 do corrente.

As respectivas gravuras são do distincto gravador o sr. F. Pastor.

CONCURSOS DE TIRO CIVIL

CONCURSO de tiro realiado pela *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes* em 10 de novembro de 1895 para festejar o 2.º anniversario da sua fundação.

(Condições publicadas em o nosso n.º 36.)

Primeiro grupo

Entre socios da Associação

Concorreram 40 atiradores dando o seguinte resultado:

	Balas acertadas
1.º—João Consiglieri Pedroso	8
2.º—Manoel Cosme Gomes	8
3.º—Fraga Pery de Linde	7
4.º—Frederico Emilio Vencent	7
5.º—Prospero Meyrelles	6
6.º—Theodosio Baganha	6
7.º—Eduardo David Silva	6
8.º—Agostinho Manoel de Sousa	6
9.º—Joaquim de Sousa Padesca	6
10.º—Manoel José de Magalhães	5
11.º—Bernardo Rebello dos Santos	5
12.º—José Mendes Gouveia	5
13.º—João Ivens Ferraz	4
14.º—Jacintho Soares	4
15.º—Gil Portocarrero	4
16.º—José Affonso Vianna Junior	4
17.º—Pedro Grillo	4
18.º—João Torres	4
19.º—Julio Vieira Lopes	3
20.º—Antonio Joaquim Rodrigues	3
21.º—Antonio A. Marques Guimarães	3
22.º—Manoel Joaquim Lino	3
23.º—Augusto M. dos Santos Viegas	2
24.º—Joaquim P. Correia d'Andrade	2
25.º—Manoel Antunes Ribeiro	2
26.º—Francisco João Rosa	1
27.º—Raul Carinhas	1
28.º—Augusto J. C. Arriarte	1
29.º—José Castello Branco	1
30.º—Alberto Costa Veiga	1
31.º—Fortunato Soares da Silva	1
32.º—João Florencio Cannas	1

Recapitulação:—Com 8 balas, 2; com 7 balas, 2; com 6 balas, 5; com 5 balas, 3; com 4 balas, 6; com 3 balas, 4; com 2 balas, 3; com 1 bala, 7; com 0 de balas, 8; total 40.

Desempate em 5 tiros

Manoel Cosme Gomes	2
João Consiglieri Pedrozo	1
Fraga Pery de Linde	4
Frederico Emilio Vencent	2

Premiados

1.º—Manoel Cosme Gomes, um copo de prata, premio do sr. Antonio Ribeiro Seabra.

2.º—João Consiglieri Pedrozo, medalha de prata, premio da Associação.

3.º—Fraga Pery de Linde, medalha de cobre, premio da Associação.

4.º—Frederico Emilio Vencent, collecção de de livros, premio da Sociedade Geographia de Lisboa.

Diploma, a todos os atiradores de n.º 1 a n.º 12.

REGULAMENTO

PARA A

INSTRUÇÃO DO TIRO

(Concluido do n.º 36)

IV—Disposições especiaes

1.º *Atribuições dos commandantes de companhia.*—Para que a instrução possa dar todos os resultados que se devem esperar, é indispensavel fortificar a acção dos commandantes de companhia, estendendo as suas attribuições ao duplo ponto de vista da direcção da instrução e do emprego das munições.

Para este effeito, regulam elles proprios o emprego das munições, fazendo recommear certos tiros aos menos dextros e aperfeicoando a instrução de todos os seus atiradores. Preparam o programma dos tiros de combate individuais e conferem recompensas aos cabos e aos soldados.

2.º *Escola regimental de tiro.*—Os cursos professados na escola normal de tiro são enviados a cada regimento.

Em cada anno, para completar os cursos, a escola normal envia, se tem

ocasião, aos corpos de tropa noticias acerca dos progressos realizados no armamento e nos methodos de instrução.

O chefe de corpo faz desenvolver, em conferencias aos officiaes, os documentos que lhe parecem ter interesse particular.

3.º *Supressão da percentagem.*—O processo que consiste em julgar do valor relativo das companhias sob o ponto de vista de tiro, comparando as percentagens que obtiveram, está ha muito tempo reconhecido como defeituoso. As percentagens não dão senão informação incompleta e incerta em consequencia da impossibilidade em que está a auctoridade superior de verificar a exactidão e tambem por causa das differentes situações em que estão os corpos sob o ponto de vista dos seus campos de tiro e das condições climatericas.

Este genero de verificação é substituido por inspecções periodicas e pelos tiros de exame que serão de natureza a conservar entre as companhias emulação aproveitavel.

4.º *Simplificação da compatibilidade.*—A compatibilidade do tiro foi simplificada. As situações de tiro não comprehendem senão dois modêlos em vez de tres; o registo de tiro do batalhão, que tinha vinte e cinco casas, é substituido pelo registo do regimento que tem apenas duas. Todas as informações necessarias ao estabelecimento do relatório se encontram n'este ultimo registo. O relatório do capitão de tiro ao chefe de corpo menciona simplesmente o genero de tiro executado, a proveniencia das munições empregadas, o numero dos cartuchos consumidos e os incidentes que se deram durante a sessão.

Em consequencia da supressão do registo de tiro de batalhão, foi necessario completar o registo de tiro de companhia e accrescentar tres casas, indispensaveis para a inscripção dos resultados obtidos nos tiros de combate individuais e nos tiros de revolver, assim como para a justificação do emprego das munições.

V—Resumo—Conclusões

O regulamento, precisando o methodo de instrução, insistindo na importancia dos exercicios destinados a formar o atirador em vista do campo de batalha, fortificando a acção dos commandantes de companhia, faz entrar a instrução do tiro em um caminho que parece dever ser fecundo em resultados.

Sendo indispensaveis terrenos extensos para serem postas em pratica as novas prescripções, faço estudar a criação dos campos de tiro regionaes sobre os quaes os corpos de tropa executarão os tiros de combate em condições que se approximem tanto quanto possivel das do campo de batalha.

General Zurlinden.

EXPERIENCIAS DE TIRO

Os jornaes italianos noticiam que o ministro da guerra acaba de assistir, no polygono de *Tor di Quinto*, a experiencias de tiro com a espingarda modêlo 1891 contra as laminas d'aço mais resistentes que até hoje se conhecem.

De 100 a 500 metros, todas estas laminas, cuja espessura era de 20 millimetros, foram completamente atravessadas ou quebradas pelas balas que penetravam, além d'isso, a grande profundidade nas taboas de carvalho que serviam de apoio.

LEGISLAÇÃO SOBRE PESCA

Comissão central de pescarias

(Continuado do n.º 36)

Decreto

Attendendo ao que me representaram os ministros e secretarios d'estado de todas as repartições, hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º—A comissão de pescarias, creada por portaria de 2 de agosto de 1878 e reorganizada por decreto de 14 de agosto de 1892, passa a denominar-se *Comissão central de pescarias*.

Art. 2.º—A comissão central de pescarias funcionará junto ao conselho do almirantado e será assim constituída:

Presidem um capitão de mar e guerra do quadro effectivo, ou almirante reformado;

Vogaes, dois officiaes de marinha, capitães de fragata ou capitães tenentes, dos quaes um servirá de secretario;

O auditor de marinha;

Um naturalista;

Um vogal da direcção da camara do commercio e industria de Lisboa nomeado pelo governo;

Um professor de direito publico.

Art. 3.º—Junto de cada departamento maritimo do continente do reino é creada uma comissão departamental de pescarias.

Art. 4.º—Cada uma das comissões departamentais de pescarias será composta: do chefe do departamento ou quem suas vezes fizer, como presidente; do adjuncto, official de marinha, como secretario, e de tantos vogaes, eleitos annualmente pelos proprietarios de aparelhos e concessionarios de locaes para armações, quantos forem os districtos maritimos em que o departamento estiver dividido.

§ unico. Na falta ou impedimento do adjuncto servirá de secretario, sem voto, o escriptivo do departamento.

Art. 5.º—Junto de cada uma das capitaniaes do continente do reino e das ilhas adjacentes, é creada uma comissão local de pescarias.

Art. 6.º—Cada uma das comissões locaes de pescarias será constituída: pelo capitão do porto, ou quem suas vezes fizer, como presidente; e por dois vogaes eleitos annualmente d'entre os proprietarios de aparelhos e concessionarios de locaes para armações, representando um compromisso ou compromissos maritimos ou associações similares da classe maritima que existam na area da capitania, e o outro os proprietarios de aparelhos e concessionarios de locaes para armações, não inscriptos n'aquellas associações.

§ 1.º As comissões locaes que funcionarem junto dos departamentos maritimos, serão presididas pelo respectivo adjuncto, official de marinha, e terão por secretario, sem voto, o escriptivo do departamento.

§ 2.º Nas comissões locaes que funcionarem junto das capitaniaes servirá de secretario, sem voto, o escrevente.

Art. 7.º—Nenhum individuo poderá ser eleito para exercer cumulativamente as funções de vogal na comissão departamental e local.

Art. 8.º—Para execução do prescripto nos artigos 4.º e 6.º, os capitães dos portos convocarão, por editaes, na primeira semana do mez de janeiro de cada anno, os proprietarios de aparelhos e concessionarios de locaes para armações, a fim de procederem á eleição dos vogaes que deverão fazer parte das comissões departamentais e locaes.

§ unico Um regulamento especial indicará as condições e formalidades d'esta eleição.

Art. 9.º—Incumbe á comissão central de pescarias:

1.º A organização e publicação das cartas geraes e parciaes de pesca;

2.º A investigação, estudo e notas descriptivas da fauna e flora das aguas maritimas nacionaes, assim como dos aparelhos utensilios, embarcações e processos empregados n'esta industria;

3.º A elaboração de instrucções e regulamentos geraes relativos á industria da pesca maritima, a coordenação de todos os elementos precisos para habilitar o governo e o parlamento a tratarem e promulgarem os convenios internacionaes de pesca, a direcção dos inqueritos directos sobre esta industria, e o exame e consulta de todos os negocios publicos sobre pescarias que não estejam commettidos por leis especiaes a determinadas auctoridades;

4.º A organização e conservação de collecções de pesca, contendo aparelhos e exemplares d'esta industria;

5.º A organização da estatistica annual de pesca, conchylicultura e carnicultura, comprehendendo o pessoal e material n'ellas empregado.

(Continúa.)

AS VIBORAS E OS CÃES DE CAÇA

Com titulo igual ao d'este pequeno escripto, publicou o *Tiro Civil* n.º 35 um outro, tambem meu, simples e despretencioso como este, cujo fim era tornar conhecidos dos caçadores os remedios mais aconselhados por altas competencias contra as mordeduras das viboras nos cães, uns mais efficazes do que outros, mas todos, quando applicados a tempo e em relações com o valor da mordedura, de satisfatorios resultados. Não foram descobertos por mim, como então disse e agora repito, esses remedios; mas procurei dar-lhes maior publicidade, julgando prestar assim um bom serviço aos caçadores e praticar um bello acto humanitario em favor dos cães de caça. Lograria eu com a publicação de tão singelo quão beneficente artigo o meu caritativo intento? Parece-me que sim. Ora vejamos.

No artigo referido indiquei, firmado em opiniões abalisadas, remedios de valia incontestavel, como o cauterio a ferro em brazia, a manteiga d'antimonio e outros menos heroicos, certamente, mas que algumas vezes tem tido bom successo, devido, muito embora, á benignidade do mal que tem curado. O proprio toucinho sem sal, que a *crendice popular* considera como um dos antidotos contra o veneno das viboras, nem sempre tem deixado ficar mal os que d'elle têm feito uso quando, não podendo recorrer a melhor medicação, o vão sempre applicando.

A cura de qualquer molestia ou doença não se opera pela influencia da inventiva do medicamento, seja este vegetal, animal ou mineral; a cura realisa-se devido ás propriedades curativas e boa qualidade do remedio que se applica, empregado convenientemente, quer elle provenha do vulgo, como alguns, quer derive dos homens da sciencia, como o permanganato de soda ou o manganato de potassa.

Mas eu não apresentei o toucinho como remedio efficaz, infallivel contra a peçonha dos reptis que abundam na Serra da Estrella e que são desconhecidos em Oeiras a favor dos *rastilheiros* e dos *Santags Jägern*; eu apresentei-o no fim do meu artigo, em ultimo lugar.

Mas o toucinho não presta para curar a mordedura da vibora?

São *inuteis e prejudiciaes* os meios no meu artigo aconselhados para a salvação dos cães mordidos pelas viboras? Sejam. Apesar de tudo não perdi o meu tempo; não deixei de prestar aos apaixonados pela caça um serviço importantissimo, porque, publicando esse artigo, provoqueei a publicação d'outro que veio divulgar-nos um remedio facil e infallivel que todos devemos estimar.

Não sei se terei um dia occasião de o experimentar — oxalá que não —; não sei mesmo se o experimentaria porque de duas vezes que fiz uso da manteiga d'antimonio e do ammoniaco, aquella applicada exterior e esta interiormente, da ligadura, das picadas de lanceta, ou canivete, e applicações sobre a parte ingurgitada, de ammoniaco e azeite misturados, colhi resultados completos; comtudo aprecio-o e vou d'elle tomar nota, porque o cavalheiro que o indica vê-se que é caçador apaixonado e perito no assumpto, com direito, portanto a ser acreditado.

O permanganato de soda a 10º misturado em agua é, segundo Bouchardat, um desinfectante muito efficaz; mais um

motivo portanto, para que se tenha na melhor conta o revulsivo aconselhado.

Como meios de tratamento, o mesmo auctor, Bouchardat, faz a primeira justica aos cauterios no meu artigo aconselhados e a estes e aos meios curativos da mordedura da vibora, que no mesmo artigo menciono não se oppõem Léonce de Curel; o *Diccionario d'Histoire Naturelle*, por uma sociedade de naturalistas e agricultores; o conde de Tangel, antigo official da grande Venerie de França: A. Mangeot, membro da Academia Nacional de França, etc., Louis Bousenard, caçador e escriptor de fama; Francis Clater, veterinario inglez distinctissimo; Mariot-Didieux, primeiro veterinario dos exercitos francezes, membro titular e laureado da Sociedade Imperial e Central de Medicina Veterinaria, membro fundador da Sociedade Veterinaria de Marne, membro honorario da Sociedade Zoologica d'Acclimação dos Alpes, etc., — que tambem crê em crendices populares —; e, para concluir, J. F. de Macedo Pinto, auctor da *Guia do Alveitor da Vade-Mecum do Veterinario*.

E dito isto, fica varrida a minha testada.

Porto — Novembro, 1859.

Baptista de Sá.

CAÇADA AOS GAMOS

DOMINGO passado realisou-se em Pancas uma caçada aos gamos, na qual tomaram parte os nossos amigos Luiz Wasa Cesar d'Andrade, dr. Santos Moreira, Arthur Andrade, Luiz Botelho e Luiz Coelho. Foram auxiliados por alguns amigos de Samora Corrêa e caçadores de contracto.

Apesar de começarem a caçar um pouco tarde, tiveram a boa fortuna de encontrar dentro em pouco o rasto dos gamos, que foi seguido persistentemente.

Seriam pouco mais ou menos 2 horas da tarde quando se levantaram duas rezes ao caçador Massarico, que apesar, de ser a um tiro largo, alojou uma bala no quarto dianteiro, proximo á espada, a uma d'ellas. Ainda assim o animal continuou correndo, deixando na passagem um rasto de sangue. Perseguido, foi novamente avistado por Luiz Coelho, que o prostrou de vez com uma bala, que, entrando pelo quarto trazeiro, se lhe foi alojando no baço.

Era um lindissimo animal de 7 annos, com a armação em lyra, e pesando proximoamente 60 kilos.

Não é a primeira vez que este grupo de amadores tem conseguido matar.

Na passada época de caça, e já na actual team morto 5, sendo dois n'uma só caçada.

O TIGRE

O tigre é na terra o animal typo d'aquelles a que se chamam *felinos*. E' elle que reúne em maior gráo os caracteres que determinam esta familia.

O leão é *nobre e generoso*, como tem descripto aquellos que tem fallado d'elle, ou por experiencia propria, ou por informações dos caçadores que viram o potente animal. Este titulo de nobreza, junto a outra virtude, a generosidade, cavam um abismo moral entre o senhor de grande cabeça e os gatos propriamente ditos.

E a nossa distincção não é tão arbitraria e tão pouco fundada como se poderia julgar, porque, mesmo sob o ponto de vista physico, o leão separa-se bem dos outros *felinos*, pela falta de garras retracteis, o que o colloca na ordem dos simples digitigrados ordinarios cujas unhas se gastam e crescem.

E' talvez o unico da familia que não pôde trepar ás arvores, faculdade que caracteriza tão bem os gatos e os seus congeneres directos.

O tigre apesar do seu enorme peso, embusca-se nos ramos d'um *multipliant* ou d'um *bombax*; o facto, tem sido citado muitas vezes nas Indias, d'um d'esses *devoradores de homens*, saltando sobre o transeunte levado alli pela sua má estrella.

A beira das estradas frequentadas é bastantes vezes escolhida pelo caçador de flancos zebrados, porque sabe bem que as occasiões são numerosas de jantiar um pobre hindu, ou então um *gentleman* isolado.

O numero dos desgraçados que cosmomem annualmente os tigres, tanto nas Indias inglezas, como na Indo-China e especialmente nas possessões hollandezas de Sumatra, chega a um total assustador, não cedendo em nada ao das mortes de que as serpentes se tornam culpadas n'estas regiões privelygiadas, verdadeiro paraíso dos reptis.

O tigre devora as suas victimas, o que em rigor pode desculpa-o um pouco, emquanto que a serpente não aproveita sequer das suas mortes inuteis.

O proprio caracter do tigre, para falar a linguagem que o homem applica aos animaes, attribuindo-lhes as suas qualidades e vicios, está classificado ha muito tempo como *sanguinario, astuto e feroz*.

O leão, diziam, é susceptivel de ensino e abandona de bom grado as suas idéas de anthropophagia; mas o tigre fica sempre sedento de sangue e é impossivel entrar na jaula em que estiver.

Esta lenda passou; vêem-se hoje, na menor barraca de domador, um ou dois tigres saltar como excellentes animaes, amigos do homem, menos inquietos até do que certos leões de devoradora memoria.

Se ha paiz onde se possa vêr o ultimo tigre encerrado n'uma solida gaiola de bambú, preste a ser embarcado para os circos europeus, é aquelle que se designa sob o nome de Indias neerlandezas, de que as ilhas principaes são Borneo e Sumatra.

Ha um ou dois annos, lia-se nas revistas cynegeticas um apello desesperado aos caçadores do mundo inteiro, com o bello premio (1.200 ou 1.500 francos por cabeça de tigre) pela destruição d'estas temiveis feras, que se haviam tornado tão numerosas, que a vida era impossivel a dois passos dos grandes estabelecimentos, que não estavam isemptos d'estas perigosas visitas.

Este echo longinquo appareceu e desappareceu. Não se soube nunca, pelo menos a noticia não chegou aos periodicos europeus, se o numero de tigres diminuiu ou então se as boas espingardas que o mundo inteiro conhece pelas suas façanhas e *matchs* memoraveis, julgaram a proposito ficar tranquillamente nas carreiras de tiro em moda, importando-se pouco em ter por alvo o *sinus* interocular d'um tigre real, unico ponto onde é correcto ferir elegantemente as grandes feras, como disse Julio Gérard.

PROGRAMMAS DE GYMNASICA

(Continuado do n.º 36)

II — Gymnastica militar applicada

A — No Gymnasio.

b) — Exercicios de trepar.

- 10.º — No mastro de cavilhas.
- 11.º — No mastro.
- 12.º — Na vara de croque.
- 13.º — Nas cordas obliquas.
- 14.º — Nas cordas verticaes.
- 15.º — Na corda de incendios.
- 16.º — Na trave horizontal.
- 17.º — Na trave inclinada.
- 18.º — Na prancha inclinada.
- 19.º — Na prancha de subidas.
- 20.º — Na escalada.
- 21.º — Na prancha de riscos.
- 22.º — No cavallo de madeira.

c) — Exercicios de transporte.

- 1.º — Armar apparelhos.
- 2.º — Transportar a arma, as munições, etc. — o sacco de areia — nos exercicios em que seja possivel dos apparelhos acima indicados.

d) — Exercicios de assalto.

- 1.º — Modos mais faceis de dominar a trave.
- 2.º — A escada horizontal.
- 3.º — A prancha de subidas.
- 4.º — O muro sem espigão.
- 5.º — O muro com espigão.

Estes exercicios praticam-se primeiro sem arma, depois com arma e finalmente equipado.

B — Na pista de obstaculos.

Nota. — A pista pode dividir-se em 3 partes :

- 1.ª — Pista de marchas, carreiras e saltos.
- 2.ª — Pista para exercicios de transporte e passagens.
- 3.ª — Pista para exercicios de trepar.

Nota. — Estes exercicios fazem-se: 1.º percorrendo cada uma das partes da pista sem arma; 2.º, toda a pista; 3.º e 4.º, idem, idem, com arma; 5.º e 6.º, idem, idem, equipado.

C — No campo.

- 1.ª — Série de excursões de 6 a 8 leguas.
- 2.ª — Série de excursões de 8 a 10 leguas.
- 3.ª — Série de excursões de 10 a 12 leguas.

Desenvolvimento do programma de gymnastica normal militar

I — Gymnastica militar preparatoria

A — Exercicios a pé firme com a arma (ou repetição dos exercicios feitos com a haste a pé firme).

- 1.º — Braço-arma, suspender-arma, descancar-arma, descancar, senti-do, mão direita (esquerda)-arma, hombro direito (esquerdo) (inclinarm, braço-arma.
- 2.º — A duas mãos suspender-arma (senti-do). — Levar os braços para deante, *um, dois*, etc. — Levar a arma à direita (esquerda), *um, dois*, etc. — Levar a arma para deante a posição vertical, *um, dois*, etc. — Levar a arma à espádua direita (esquerda), *um, dois*, etc.
- 3.º — Levantar os braços, *um, dois*, etc. — Levantar os braços com flexão, *um, dois, tres, quatro*, etc. — Levar a arma à nuca em tres tempos, *um, dois, tres*, etc. — Levar a arma às espáduas em tres tempos, *um, dois, tres*, etc. — Levar a arma aos hombros, *um, dois*, etc. — Levar a arma aos hombros pela direita (esquerda), *um, dois*, etc.
- 3.º — Superiores, posição. Inclinhar o tronco para a direita (esquerda), *um, dois*, etc. — Idem, rotação direita (esquerda) do corpo, *um, dois*, etc. — Dobrar o corpo para a frente, *um, dois, tres*, etc. — Dobrar o corpo para a retaguarda, *um, dois, tres*, etc. — Dobrar o corpo para a frente e para a retaguarda, *um, dois*, etc.
- 5.º — Adducção superiores, posição. Flexão das extremidades inferiores, *um, dois*, etc. — Adducção anteriores, posição. Flexão das extremidades inferiores, *um, dois*, etc.
- 6.º — Todos os exercicios apontados devem ser repetidos estando ou tomando as attitudes, *sahido, retirado, desviado*.
- 7.º — Sarilho anterior, *marche* (ou em 4 tempos). — Cano a duas mãos, posição. Levar a arma à horizontal, *um, dois*, etc. — Cano a duas mãos, posição. Sarilho superior, *marche*. — Cano a duas mãos, posição. Sarilho direito e esquerdo, *marche*. — Cano a duas mãos, posição. Levar a arma a toda a altura, *um, dois*, etc.

(Continúa.)

Pedro José Ferreira.

UM «TAVOLAZZO» NO PIEMONTE EM 1826

Uma caçada aos gallos do matto

(Continuado do n.º 36)

O caso não é muito curioso, a mulher é velha, e as cabras magras e tinhosas.

— Pois bem! Excellencia, essa rocha parda encobre um pequeno esconderijo onde se encontra o barril, que mandei buscar pelo meu cão.

— E porque o não trouxe!

— Porque aquella velha bruxa está posta ali pelos guardas para nos vigiar a mim e ao meu pobre cão, e Torquato que desconfiou, voltou com a bocca vazia.

— Isso parece-me impossivel.

— Quer a prova no mesmo instante?

— Sem duvida que a desejo, o que é necessario fazer para isso?

— Ficar provisoriamente onde está, e seguir com attenção todos os movimentos da velha, até que eu lhe faça signal para ir até á porta.

Tornei a pôr-me em observação, e Titano recomenço a dirigir algumas palavras ao cão, que tornou a partir correndo; mas d'esta vez a latir.

Ao segundo latido vi a velha voltar rapidamente a cabeça para o lado da cabana, que antes não parecia observar; depois deixou o seu logar enchotando as cabras adiante de si, e tomou um caminho que se aproximava de nós.

Titano e o marquez estavam á porta; o primeiro chamou-me em voz baixa.

Quando cheguei perto d'elles, a velha e as cabras passavam a dez passos da cabana um pouco á esquerda. O caminho que seguiam conduzia ao fundo do valle, de que fallei.

Torquato, sempre latindo, já lá estava; corria para a direita e para a esquerda como um cachorro novo perseguindo as calhandras que se lhe levantam adiante umas depois das outras.

Como o caminho descia quasi a pique a pouca distancia da cabana a cuja entrada nos achavamos encostados, depressa perdemos de vista a velha e as suas cabras.

Decorridos alguns minutos Torquato desapareceu tambem.

Disse que o valle era atravessado em todo o seu comprimento por uma pequena ribeira que corria por entre plantações d'oliveiras e salgueiros.

Era por detraz d'estas plantações que Torquato se tinha eclipsado como um actor que passa por traz dos bastidores.

— Tres quartas partes do trabalho estão feitas, excellencia, me disse Titano, agora se quer vêr a conclusão, vá collocar-se novamente na minha fresta e olhe bem para a direita.

— Não tardará em vêr alguém do seu conhecimento. Não despresei a advertencia, e emquanto o marquez e Titano se tornavam a sentar á mesa, collei de novo os olhos á abertura dirigindo a vista para a direita da rocha parda.

Decorridos apenas dois minutos, vi chegar Torquato, correndo.

— Eil-o! eil-o! disse em voz baixa Titano; pela fórma como corre, um galgo teria difficuldade em o seguir.

— Não o perca de vista e diga-nos o que elle faz.

— Não o vejo, desapareceu de novo por detraz d'este rochedo... Ah! eil-o ainda! volta para o nosso lado! Pela

minha honra! traz um barrilinho semelhante ao que lhe mostrou.

— São as ovas para sua excellencia o marquez! exclamou Titano encantado pela nova que eu lhe dava. Afinal eu estava seguro. Ah! meus velhacos, sois bem espertos; mas Torquato que não passa d'um irracional, ainda sabe mais que vòcês!

N'este momento entrava o velho *epagneul*, e depunha aos pés de seu dono o barrilinho que trazia na bocca. Estava magnifico no seu triumpho.

— E' maravilhoso! incomprehensivel! exclamei. Mas como diabo se fez isto?

— Como viu, excellencia, respondeu o velho caçador. Torquato a primeira vez que sahio, viu a velha bruxa; cheirou-a, depois voltou a dizer-me que o espionavam; então mandei-o correr ao fundo do valle na certeza que o seguiriam, o que não deixou de acontecer. Quando julgou que a velha tinha descido bastante para que não podesse tornar a subir antes d'elle, escoouse por detraz dos salgueiros que marginam a ribeira até a um outro caminho fundo que se acha a tres ou quatro passos d'aqui, e por elle tornou a ganhar os rochedos. A velha, poria as mãos no fogo em como ainda o procura no fundo do valle. Olhe, excellencia, não a vê entre as moutas com as suas duas cabras? O bom da historia é que vae dizer que o meu deposito de comestiveis é na margem da ribeira. Isto vae occupal-os durante oito dias.

E Titano começou a rir ás gargalhadas, destapando o barril; e depois de me ter mostrado pela porta, que se conservava aberta, a velha, que sem grandes precauções, explorava as moutas que se encontravam á borda d'agua no fundo do valle, continuou:

— Agora estou certo d'apanhar Carlo Valenti, como apanhei o velho Broschi-Mai...

— Mas sabes o que me prometeste, interrompeu o marquez com uma severidade affectuosa.

— Sei, excellencia, e pôde contar com a minha palavra, como se o tabellião tivesse intervindo, disse Titano pondo a mão sobre o coração. Como disse hontem comprometti-me ajudal-os esta noite; mas será a ultima vez. Esta noite despejarei o meu armazem exterior, e amanhã far-lhes-hei saber em Pignerol, que não contem mais comigo. Voua excellencia tem razão, não é mister proprio d'um soldado.

— Se me fosse permittido dar ainda um conselho, diria que desconfiasses esta noite do môcho. Julguei notar que emquanto elle cantava hontem o brigadeiro Valenti o escutava com mais attenção que deveria prestar a uma circumstancia tão pouco importante: elle está desconfiado.

— Tambem notei isso, excellencia; mas pôde estar tranquillo nunca fazemos cantar o mesmo passaro duas noites seguidas. E Torquato conhece todos os gorgeios. Como elle se vae aborrecer durante as longas noutes d'inverno, meu pobre cão! ajuntou Titano baixando a voz como se fallasse consigo mesmo. E o mesmo, prometti, hei-de ser fiel ao meu juramento.

E pronunciando estas ultimas palavras soltou um grande suspiro, e acariciou melancholicamente a cabeça do seu magnifico *epagneul*.

(Continúa.)

Editor responsavel — MANUEL AUGUSTO PINTO

Typ. do Commercio de Portugal — Rua Ivens, 35 a 41